



## Gêneros e sexualidades na literatura básica das disciplinas de Psicologia do Desenvolvimento das Universidades Públicas do Brasil.

Thais Souza Fialho<sup>1</sup>  
Alexandra Rosin Botan<sup>2</sup>  
Leonardo Lemos de Souza<sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

Esta investigação faz parte do desenvolvimento de um programa de pesquisa em que se pretende provocar revisões no campo de estudos em Psicologia do Desenvolvimento. Este caminho, já havíamos iniciado em pesquisa desenvolvida anteriormente (LE MOS de SOUZA, 2016) na qual nos aproximamos de referências na produção de conhecimento sobre os processos de mudança, que privilegiavam as experiências de vida interseccionados pelas singularidades e coletividades do(a)s sujeito(a)s, portanto mais próximas de modos de ver desde as perspectivas de complexidade.

Percorrendo o caminho traçado por Saaverda e Nogueira (2006) sobre os feminismos e a psicologia, pode ser afirmado que desde o final do século XIX até os anos de 1970, a psicologia se apropriou de referenciais metodológicos e de explicações em que as ciências experimentalistas e positivistas legitimavam e construía m discursos das diferenças entre homens e mulheres alinhados à biologia evolutiva e a uma episteme da ideia de distanciamento de sujeito e objeto de conhecimento. (SAAVEDRA e NOGUEIRA, 2006; NOGUEIRA, 2001; PREHN e HÜNING, 2005

Nestas aproximações estão presentes a busca de categorias universais e estáveis, com explicações localizadas nos atributos individuais e no argumento da inferioridade da mulher. A psicologia reforçava papéis sexuais normativos e justificava práticas opressivas e discriminatórias com base nas diferenciações produzidas por suas explicações. Relacionava a mulher à exclusiva competência do trabalho doméstico, dos cuidados e com a maternidade, recusando para ela a ocupação de outros espaços, como o de ter educação e de ocupar cargos e funções que exigem capacidades superiores.

Após a década de 1970, o feminismo ocupa maior espaço no debate sobre a ciência, definindo para uma maior politização e leitura de questões sociais (PREHN e HÜNING, 2005). Para Saavedra e Nogueira (2006) entre as décadas de 1970 e 1990 temos vinte anos de debate entre as feministas na psicologia sobre as teorias, metodologias e implicações políticas na pesquisa sobre mulheres e o gênero e o sexo como categorias de análise.

As feministas na psicologia estavam preocupadas em produzir investigações que combatessem a desigualdade baseada nas diferenças de gênero, produzindo argumentos sobre as semelhanças (intelectuais, afetivas, éticas) entre homens e mulheres. Esse movimento tencionava questões de gênero localizadas numa categoria específica de mulher: branca, classe média, heterossexual, ocidental etc. Este deslocamento acabou por produzir uma série de reflexões acadêmicas de mulheres feministas (lésbicas, negras, latinas, trans) na direção de uma epistemologia feminista que abarcasse as diferenças como potência e, ao mesmo tempo, o gênero como uma ferramenta de análise crítica da realidade e delas mesmas. Assim, o gênero

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista - campus Assis-SP, thaisfialho02@gmail.com;

<sup>2</sup>Graduanda pelo Curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista - campus Assis-SP, ale.r.botan@gmail.com;

<sup>3</sup> Professor Orientador, Livre-docente, Universidade Paulista-campus Assis- UE, leo.lemos.souza@gmail.com;



não passa a ser um conceito exclusivo para tratar das questões referentes às mulheres cis (correspondência entre sexo biológico e expressão de gênero).

Por isso, sugerimos para efeito do nosso trabalho, no lugar do termo epistemologia feminista o uso do termo episteme. Pensamos mais no tensionamento que os feminismos provocam na ciência, fazendo-a rever-se, deslocando-se para novos rumos metodológicos e conceituais, exigindo a produção de outros conceitos, outras linguagens, outras formas de produzir conhecimento. Sem ser um saber subordinado nem dominante, mas um intercessor importante no processo de produção de conhecimento.

Para esta pesquisa revisamos manuais introdutórios da psicologia do desenvolvimento das Universidades Públicas do Brasil, afim de capturar o olhar do gênero que essa temática trás para a psicologia, O quadro que esboçamos exige a produção de um trajeto das articulações entre a psicologia e os feminismos e como se dá a formação de profissionais e pesquisadores dentro desta área. Mapear se há ou não autoras feministas nessas bibliografias, como a luta feminista é mencionada direta ou indiretamente dentro dessas obras, quais são os efeitos ao longo do tempo das conquistadas das mulheres na sociedade e o olhar que essa temática da psicologia trás sobre o que é *ser mulher*.

O modo como a psicologia do desenvolvimento tem se apropriado dos feminismos a partir da crítica que estes fazem à ciência, incita a uma revisão dos objetivos, métodos e conceitos. As aproximações mais contemporâneas com os feminismos ainda não foram exploradas, especificamente pela Psicologia do Desenvolvimento, e com isso iremos e identificar como sexo e gênero são contextualizados e utilizados nas disciplinas de formação em Psicologia do desenvolvimento.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Propomos uma pesquisa que envolve a Revisão Sistemática de Literatura como forma de organização e análise do material coletado. A revisão sistemática de literatura consiste em um tipo de investigação científica que pretende levantar, reunir e avaliar criticamente conceitos e métodos de pesquisa e sintetizar os resultados de diversos estudos diante de uma pergunta de pesquisa (VOSGERAU e ROMANOWSKI, 2014). Além disso, ela se organiza em torno de alguns elementos: levantamento; seleção; análise e resultados. Portanto, o caminho traçado foi:

Investigar as bibliografias utilizadas nas ementas dos cursos de psicologia das Universidades Estaduais do Brasil, especificamente nas disciplinas de Psicologia do Desenvolvimento por contatos (telefônicos e pela internet – e-mail e redes sociais) com os cursos de graduação em psicologia de universidades públicas brasileiras. Com os planos de ensino consultados on line e/ou solicitados nas mãos, para o levantamento nos livros/manuais selecionados.

Selecionar as obras mais citadas e organizar com critérios de cronologia, para que seja possível analisar contextos históricos, sociais e políticos de acordo com as datas das publicações. Buscar compreender se o processo reflexivo e critico que se realiza sobre o tema pelas epistemes feministas (quando acontece) na Psicologia, penetra na formação em Psicologia do Desenvolvimento.

Analisar tudo que refere a categoria “gênero” dentro desses manuais. E desse modo, eleger as seguintes perguntas de pesquisa, conectada aos objetivos deste projeto: Como os conceitos de sexo e gênero são trabalhados pela literatura de formação, no Brasil, voltada para os marcadores etários, no caso, a Psicologia do Desenvolvimento? Quais as perspectivas epistêmicas feministas presentes na produção da Psicologia do Desenvolvimento no Brasil? E problematizar as contribuições dos mesmos, estabelecendo como se produzem rupturas epistemológicas nessa área da Psicologia e quais mudanças e ressignificações esses discursos trazendo para o campo do tema do Desenvolvimento Humano. Os diálogos serão estabelecidos

com a literatura que realizaram investigações próximas a nossa (OLIVEIRA e MADUREIRA, 2014; NARVAZ, 2009) sobre feminismos e psicologia (NOGUEIRA, 2001; BURMAN, 1995; MILLER e SCHOLNICK, 2000); NUERNBERG et al, 2011), bem como com autores críticos das ciências e feministas (KELLER, 1995; BUTLER, 2003; BRAIDOTTI, 2004; HARDING, 1986; STENGERS, 2002; HARAWAY, 1995).

## DESENVOLVIMENTO

Para a primeira parte deste trabalho, selecionamos quatro manuais introdutórios da Psicologia do Desenvolvimento, sendo esses:

- Ciclo Vital – Helen Bee (1998)
- O desenvolvimento da criança e do adolescente - Michael Cole & Sheila R. Cole (2001)
- Desenvolvimento humano - Diane E. Papalia, Sally Wendkos Olds, Ruth Duskin Feldman (2007)
- Desenvolvimento Humano: Experienciando o ciclo da vida - Janet Belsky (2007)

Analisamos tudo o que se referia a gênero, sexo e a qualquer ideia que foi colocada do ideal de mulher que vai de comportamento à função social. Para a leitura de base, foi fundamental para esse início de trabalho as seguintes obras:

- O Machismo invisível - Marina Castañeda (2006)
- Um amor conquistado: o mito do amor materno - Elisabeth Badinter (1980)
- Epistemes feministas e a psicologia do desenvolvimento: percursos na pesquisa sobre gênero sobre gêneros, sexualidades e juventudes. (Livre-docência em psicologia do desenvolvimento) - Leonardo Lemos de Souza (2017)
- Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade - Judith Butler (1990)

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao realizar a leitura dos manuais de psicologia do desenvolvimento destacamos aspectos que estão em congruência com o projeto.

Organizamos as obras por data de publicação, visto que é necessário contextualizar a época de cada publicação. Assim, foi possível identificar mudanças nos discursos de certos aspectos, como por exemplo o lugar da mulher na sociedade. Em comparação com as publicações anteriores, as mais recentes trazem mais questionamentos e discussões sobre estereótipos e alguns pontos de vista além do cognitivo para a questão do gênero. Em algumas obras são mencionados como as teorias apresentadas não abarcam toda a questão da diferença dos gêneros mas em nenhuma das obras, autoras feministas ou o próprio movimento feminista foi citado, mesmo considerando que as manifestações políticas das mulheres serem antecessoras as datas das publicações.

Abaixo estão alguns pontos que destacamos do material coletado com base na leitura dos manuais:

**Conceitos e terminologias:** Os termos “sexo” e “gênero” são recorrentemente confundidos nas obras. Utilizam o termo “papel sexual” que caracteriza como o indivíduo deve se manifestar de acordo com o seu sexo biológico. Em *O desenvolvimento da criança e do adolescente*, os autores especificam e distinguem o significado de cada termo para alguns autores e dizem que irão tratar com os termos ao decorrer do livro, mas são mais vezes utilizados o termo “papel sexual”. Nas obras seguintes é extinguido esse termo para falar das questões sociais do sexo e assim é utilizado para título e afins a palavra “gênero”.

**Padrões femininos:** De forma geral nas obras, o que é ser mulher e ser homem é padronizado por comportamentos ao longo da vida. As meninas sempre são citadas com um estilo facilitador (Maccoby, 1990), passivo, doador e os meninos como agressivos, restritivos, dominadores e chefes. Diversos aspectos são colocados como justificativas desde o fator biológico, hormonal até o reforço paterno, materno e cultural. Mas diversos estereótipos de gênero são descritos nas obras, ou por forma de teorias como a de constância de gênero e do sexo imutável ou pela própria tipificação de gênero: como deve ser menina e menino, se vestir e o que se tornar, e o que também exclui totalmente as pessoas trans e não binárias. Não são mencionados nas obras, a estrutura cultural e histórica do machismo e nem como muitas reproduções dos pais para com as crianças se deve a isso.

**Maternidade e trabalho:** O papel da maternidade é diversas vezes reforçado como algo essencial a mulher, em alguns casos são feitas culpabilizações por comportamentos dos filhos, sem mencionar a função paterna no cotidiano das crianças. Nos trabalhos mais recentes são colocados como na cultura ocidental, a responsabilidade da criação das crianças pertence a mulher, mas que isso tem mudado ao longo do tempo, as mulheres começam a impor seu desejo de trabalhar ou até de não ter filhos. As mudanças que veem ocorrendo na sociedade são mencionadas mas sem mencionar, novamente, a luta feminista que se inicia nos anos 60 e evolui desde então, fazendo com que haja diversos questionamentos sobre o conceito de gênero e as consequências da estrutural patriarcal machista. A evolução do papel da mulher no trabalho também é trazida mas na maioria das vezes por uma perspectiva das mulheres brancas, não fazendo assim um recorte racial das condições de trabalho e desde quando há trabalho para essas mulheres. Reflexão essa, que também faz parte do movimento feminista só que negro, que se estabelece a partir da segunda onda feminista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o momento, a partir da análise das obras, são evidentes as formas com que é firmado por meio de comportamentos observados, desde o nascimento, as normatizações que são empregadas para o que é ser mulher na cultura ocidental e logo o que é ser homem também. E dificilmente são colocadas implicações da estrutura patriarcal machista da sociedade como um fator de por exemplo: a menina desde a primeira infância ser ensinada a ser obediente e passiva, não se exaltar e saber escutar e os meninos ao contrário, serem ensinados a querer virar super heróis, incitados a serem mais violentos e expressivos e como essas aprendizagens são apenas reproduções dos machismos diários que são internalizados e continuamente levados para a vida adulta.

Isto se estende para o conceito de gênero em si, principalmente quando perpassa a transexualidade, pois em nenhum momento é considerado esta questão e pelo contrário afirmam que o gênero é imutável, com a justificativa de que mulher é mulher porque se parece mulher ou seja tem cabelo grande, veste “roupas femininas” e restringindo às genitálias.

É imprescindível então, a análise desta temática da psicologia principalmente levando em conta o papel do psicólogo para com as diversas formas de existência. A feminista na psicologia justamente tem o intuito de quebrar as desigualdades empregada com críticas políticas e sociais que questionam toda a estrutura machista e seus desdobramentos na sociedade. Apenas recentemente, a partir dos anos 1990, que a psicologia se apropria das discussões feministas, para pensar gênero. A psicologia do desenvolvimento como uma referência muito importante da ciência psicológica, justamente por tratar de teorias sobre os processos dos sujeitos e suas mudanças, tem grande influência em diversos campos como na educação, e justamente por trazer tantos caminhos reguladores e normatizantes merece que uma atenção seja voltada para novas reflexões e pensamentos, que perpassem os conceitos comuns

da perspectiva feminista, para assim de fato abrir espaços para novas possibilidades de uma nova maneira de pensar/fazer pesquisa na psicologia.

**Palavras-chave:** Epistememes feministas, Psicologia do Desenvolvimento, gênero.

## REFERÊNCIAS

SOUZA, Lemos Leonardo. *Epistememes feministas e a psicologia do desenvolvimento: percursos na pesquisa sobre gênero sobre gêneros, sexualidades e juventudes*. Assis, 2017. (Livre-Docência em Psicologia do Desenvolvimento), Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP

SAAVEDRA, Lucia; NOGUEIRA, Conceição. Memórias sobre o feminismo na psicologia: para a construção de memórias futuras. *Memorandum*, 2006, 11, pp. 113-127.

PREHN, Denise e HÜNING, Simone. O movimento feminista e a psicologia. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 23, n. 42 p. 65-71, 2005.

VOSGERAU, Dilmeira Sant'Anna Ramos; ROMANOWSKI, Joana Paulin. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 14, n. 4, jan./abr. 2014, pp. 165-189.